

# Menos mágicos, mais realistas

[17/08/1997]

Não foi o anjo da guarda que guiou os primeiros passos de minha geração literária, foi o anjo de García Márquez. E como era este anjo? Esqueci o nome do conto em que era mencionado, mas estava longe de ser um querubim rechonchudo. Tratava-se de um anjo velho, desdentado, com as asas cheias de piolhos, um anjo que cai do céu numa aldeia colombiana e é aprisionado em um galinheiro, onde a população vai visitá-lo — pagando ingresso, naturalmente.

O realismo fantástico nos fascinou de imediato. Em primeiro lugar porque permitia livres voos da imaginação; depois, porque era uma resposta irônica e, não raro, corrosiva ao clima de repressão então vigente na América Latina: Kafka mais gozação subdesenvolvida, o que parecia uma fórmula imbatível. Logo estávamos povoando nossa ficção com os mais diversos seres alados. Mas o mestre indiscutível desta arte era mesmo García Márquez. Na década de 70, seus livros estavam em todas as livrarias da Europa, uma consagração que o Prêmio Nobel veio apenas referendar. Na esteira de seu sucesso vários escritores conquista-

ram o público internacional: Vargas Llosa, Julio Cortázar e até mesmo Borges, criador de um suprarrealismo muito peculiar, intelectualizado e filosófico, mas nem por isto despojado de humor. Todas estas obras vieram a constituir o chamado "boom" latino-americano. A literatura do continente passou a ser sinônimo de realismo mágico. O seu duplo componente era irresistível; de um lado, o exotismo, que já tinha popularizado a obra de Jorge Amado (e que foi obrigado, ele também, a aderir à nova onda); de outro, o engajamento político, do qual Gabo era o maior exemplo. Não apenas defendia a Cuba de Fidel Castro, como passou a residir lá parte do ano, dando aulas na escola nacional de cinema do país. No Brasil, a sua obra foi revelada ao público pela desaparecida Editora do Autor, fundada por Rubem Braga e Fernando Sabino. Foi uma verdadeira revelação, e um êxito instantâneo — graças também às excelentes traduções (as últimas a cargo de Eric Nepomuceno, amigo de Gabo).

O tempo passou e a situação mudou. As ditaduras do continente foram caindo uma a uma; seu esquema de sustentação era arcaico demais para subsistir. Em termos políticos, a ditadura tinha um mérito: unificava todas as formas de oposição, todas as formas de contestação. A queda dos governos ditatoriais criou um vácuo político e cultural, no qual precipitaram-se o cinema novo e os festivais da MPB, o tropicalismo e os jornais alternativos tipo *O Pasquim*, o teatro do oprimido de Augusto Boal, e o realismo fantástico. De repente, a América Latina já não era mais a região exótica do globo; era, isto sim, um reduto de mão de obra barata pronto a ser incorporado na economia globalizada. As fábricas de imaginário foram substituídas pelas fábricas maquiadoras que surgiram como cogumelos na fronteira entre México e Estados Unidos. A Colômbia parou de exportar sonhos literários para exportar os sonhos — os pesadelos — da coca. O último livro de García Márquez, *Notícias de um sequestro*, que trata justamente

do narcotráfico, já não é ficção, mas sim reportagem — ele voltou aos seus tempos de jornalista.

Há alguns anos encontrei García Márquez num encontro de literatura em Aix-en-Provence, na França. Um homem simpático, muito simples, espantosamente popular. Cada vez que entrava no saguão do auditório onde se realizavam as sessões, era acompanhado por um verdadeiro exército de jornalistas e fotógrafos. Entrevistá-lo, a propósito, não é uma tarefa fácil, nem barata: para uma grande rede de televisão, uma exclusiva podia custar, segundo me disse (em tom queixoso) um jornalista da Globo, 30 mil dólares. Para quem escreveu seu livro atolado em dívidas, não está mal. A verdade é que a fama às vezes cansa — e a pobreza cansa muito mais. García Márquez provavelmente estava se defendendo das duas coisas.

No que não está sozinho. América Latina tenta ser menos fantástica e mais realista — não por acaso, a nossa atual moeda chama-se real. O imaginário já não é produção local; é importado, sob a forma dos efeitos especiais que recheiam os filmes americanos. O anjo de García Márquez foi expulso do galinheiro, agora transformado numa indústria de frangos de exportação. Menos riqueza espiritual, mais divisas na balança de pagamentos. Melhorou? Você decide.

IN: SCLAR, Meacysr. "A poesia das coisas  
simples: crônicas". São Paulo: Companhia  
das Letras, 2012, pag. 141 - 143.